

“Antes que cases [...], que olhes bem o que fazes”: *A Malícia das Mulheres e Conselho para Bem Casar*, de Baltasar Dias*

Carlos Nogueira

(Cátedra José Saramago – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Universidade da Beira Interior)

Poeta pobre, inspirado e do povo

Natural da ilha da Madeira, onde nasceu por volta de 1515, cego e de parcós recursos económicos, Baltasar Dias foi agraciado, em 1537, com uma *Carta de Privilégio para a Impressão de Livros* (Chancell. de D. João III, Liv. XXXIII, fl. 17, dos *Privilegios*), atribuída pelo rei D. João III. Escriturado por Anrique da Mota, este alvará real de 20 de fevereiro permite-nos concluir que o autor já criava antes de 1537:

Dom Joham, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que Baltasar Dias, ceguo da ylha da Madeira, me disse por sua petyçam que tem feitas algúas obras assy em prosa como em metro, as quaes foram já vistas e aprouadas e algúas dellas ymprimidas, segundo podia uer por um publico estromento que perante mim apresentou.

E quanto elle quer ora mandar ymprimir as ditas obras que tem feitas e outras que espera de fazer, por ser homem pobre e nam ter outra ymdustria para viver por o cariciamento de sua vista senam vender has ditas obras, e me pidia ouvesse por bem, por lhe fazer esmolla, dar-lhe de priuilegio pera que pessoa algúna nam possa ymprimir nem vender suas obras sem sua licença, com certa pena.

E visto todo por mim, ey por bem e mando que nenhum ymprimidor emprima as obras do dito Baltesar Dias, ceguo, que elle fyzer asy em metro como em prosa, nem liureiro algum nem outra nenhûa pesoa as venda sem sua licença, sob pena de quem ho contrairo fyzer algúas obras que toquem em algúna cousa de nossa santa fee, nam se ymprimam sem primeiro serem vistas e enjaminadas por mestre Pedro Margualho, e vindo por elle vistas, e achando que que nam falla em cousa que se nam deva fallar, lhe pase diso sua certidam, com a qual certidam hey por bem que se ymprimam as taes obras e doutra maneira nam. Notefyquo o asy a todos corregedores, juizes, justiças, officiaes e pesoas a que esta minha carta for mostrada, e mando que asy se cumpra sem duvida nem embarguo algum. Dada em minha cidade d’Evora aos XX dias de feuereiro, Anrique da Mota a fez, anno de nacemento de noso senhor Jesu Christo de mil b.^o e XXX j annos (Deslandes, 20).

A queixa de Baltasar Dias (e a necessidade de obter os direitos de impressão das suas obras) não é muito diferente do lamento de um Juan de Encina, o qual, no seu *Cancioneiro* de 1496, no Proémio aos Duques de Alba diz:

* Este trabalho faz parte do Projeto de investigação PID2022-136278NB-I00: “Literatura popular impresa (s. XVI): catalogación de pliegos poéticos castellanos, catalanes y portugueses y estudio comparativo del área literario-cultural peninsular” (MICIU/AEI/FEDER), financiado pelo Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades no âmbito do Programa estatal de Generación del conocimiento y fortalecimiento científico y tecnológico del sistema I+D+i (IP: Laura Puerto Moro).

Andavan ya corrompidas y usurpadas algunas obrezillas mías, que como mensageras avía embiado adelante, que ya no mías mas agenas se podían llamar, que de otra manera no me pusiera tan presto a sumar la cuenta de mi lavor y trabajo; mas no me pude sofrir viéndolas tan maltratadas, levantándoles falso testimonio, poniendo en ellas lo que yo nunca dixe ni me passó por pensamiento.

(Juan del Encina, *Cancionero*, fol. VIr-v)

Baltasar Dias entra na categoria bibliográfica “literatura de cego” e é, verosimilmente, o primeiro autor cego em folhetos de cordel de que temos notícia na Península Ibérica. Era autor “carecido de vista”, expressão incluída na capa de um dos seus folhetos (*Auto de Santa Catarina*) (Dias, 105), onde também se pode ler “Baltasar Dias da ilha da Madeira”. Não terá sido instantânea nem livre de conflitos e dificuldades a sua vida de versejador e, talvez, vendedor de folhetos em Lisboa, para onde terá ido jovem (Gomes, 40) (assinala-se o que é óbvio: Juan del Encina ou Gil Vicente também se difundiram em cordel e não eram vendedores de folhetos). Sem a *Carta de Privilégio* que pediu ao rei e sem a persistência e o trabalho de quem tinha na arte verbal um modo de vida a tempo inteiro, o poeta cego madeirense não se poderia ter tornado num dos mais eminentes nomes da literatura popular portuguesa. Conscientes do sucesso das composições que Baltasar Dias interpretava na capital portuguesa e nos arredores, livreiros sem escrúpulos apropriavam-se daquilo que não lhes pertencia e lucravam com o que imprimiam e vendiam um pouco por todo o país. O autor, “homem pobre”, sustentava-se, provavelmente, com as interpretações que fazia das suas próprias obras, e com o seu trabalho de vendedor de folhetos.

Poeta de ideias e com arte

No artigo “Baltasar Dias, ‘cego da ilha da Madeira’ – Notas sobre os autos de devoção (*Auto do Nascimento, Auto de Santo Aleixo e Auto de Santa Catarina*)”, Carlos Nogueira escreveu que “Baltasar Dias é um autor que a história da literatura e da cultura portuguesa não ignora e até exalta como um dos maiores representantes do teatro português popular e de cordel do século XVI” (Nogueira, 127). Esta evidência contrasta com a escassez de “estudos sobre este poeta e dramaturgo, que não aceitou ser desapossado do que era seu por livreiros sem escrúpulos e obteve de D. João III uma licença para imprimir os seus próprios folhetos” (2021, 127). Nesse trabalho, conclui Nogueira, que se propôs revisitar o pouco que se conhece da vida deste autor e esclarecer alguns aspectos da vertente religiosa da sua produção teatral, a partir das peças de devoção *Auto do Nascimento, Auto de Santo Aleixo e Auto de Santa Catarina*: “Baltasar Dias, cego para as coisas mundanas, não prescinde dos santos e dos seus atos de abnegação exemplares; abrigado bem dentro do cristianismo eclesiástico, o teatro abre-lhe o acesso a uma experiência de espiritualidade mais profunda: mística, porque mais pessoal e mais próxima do que ele sentia ser o Deus verdadeiro, Cristo e o Espírito Santo” (Nogueira, 139).

As propostas que Nogueira apresentou para o conhecimento da estética dramática de Baltasar Dias e do lugar que este “homem pobre” (*Carta*) ocupa na história literária e cultural e na história das ideias portuguesa e europeia, pretendo aduzir agora mais elementos, desta vez a propósito dos folhetos em verso lírico *A Malícia das Mulheres* e *Conselho para Bem Casar*. O meu propósito, neste artigo, é identificar e comentar alguns dos mais destacados elementos semânticos, retóricos e culturais destas duas obras. O valor estético-literário, cultural e histórico-sociológico destas “trovas”,

termo que o próprio Baltasar Dias utiliza no início do seu *Conselho para Bem Casar*, em nada é inferior ao da produção teatral deste “poeta popular”, que terá falecido cerca de 1580, o ano da morte de Luís Vaz de Camões, o príncipe dos poetas.

“Poeta do povo” (Fernandes, 161), tem Baltasar Dias em comum com o autor de *Os Lusíadas* um domínio perfeito da versificação e do desenvolvimento engenhoso de temas, motivos e argumentos. Foi um mestre da quintilha, forma estrófica em que se organizam *A Malícia das Mulheres*, constituída por 460 versos, e *Conselho para Bem Casar*, com 881 versos. A quintilha, tal como acontece em castelhano, é uma estrofe comum da literatura de cegos em verso.¹ A brevidade das sete sílabas permite ao poeta exprimir-se num tom vivo e rápido, ágil e com graça, e ver, portanto, os seus textos escutados, lidos e memorizados com facilidade, o que é próprio da boa literatura oral, popular e tradicional, como é sabido. Não é crível que estes dois textos tenham sido memorizados na íntegra, sobretudo o *Conselho*, mas não custa imaginar que muitas estrofes ou versos fossem guardadas na memória e evocados de cor pelo próprio Baltasar Dias e por quem o lesse ou ouvisse, em especial as partes mais direta ou indiretamente proverbiais, como estas (do *Conselho para Bem Casar*): “E também há de atentar/ um mote ou cantiguinha,/ que a muitos ouço cantar,/ que a mulher e a galinha/ se perdem pelo andar” (Dias, 378); “Isto deveis de o crer,/ e não vos parece grave/ porque deveis de saber/ que a nódoa na mulher/ não há cousa que a lave” (Dias, 379).

A sintaxe e o léxico destes versos inscrevem-se na língua coloquial, ao mesmo tempo que dela se distanciam pelos efeitos da arte poética (estrofe, rima, ritmo). Gera-se um efeito no público que é tanto de reconhecimento de uma linguagem comunicativa e envolvente como de uma elevação que dá a quem a lê ou ouve a sensação de pertencer a um grupo de eleitos: uma comunidade que conhece uma linguagem a que se acede porque se tem uma certa distinção social, cultura e inteligência. Esta afirmação poderá parecer exagerada, sobretudo se pensarmos no epíteto de “popular” que se aplica a um poeta como Baltasar Dias e ao contexto em que ele se movia e produzia os seus textos, de cuja circulação oral e escrita pouco sabemos com segurança. Todavia, há uma erudição própria desta cultura, tal como há uma erudição característica dos âmbitos literários e culturais das classes ditas mais elevadas. Aliás, a oposição entre o culto e o popular, em particular nos séculos XVI e XVII, é uma construção irredutivelmente subjetiva, com fronteiras de difícil ou impossível definição, em que entram, entre muitos outros, os conceitos ambíguos de gosto e de qualidade literária. Nos domínios propriamente ditos da expressão e das ideias, essa indecidibilidade pode ver-se numa passagem como esta, de *A Malícia das Mulheres*, em que Baltasar Dias retoma um património conhecido e (in)consciente de frases mais ou menos feitas, de imagens e de conceções que fazem parte da identidade coletiva: “Quando no Tejo não houver / água, e toda se secar, / nem o mar peixes tiver, / então faltará à mulher / malícia para enganar. / Eva enganou Adão,/ crendo mundanos prazeres, / e por esta tal rezão / quem se confia em mulheres/ tem o engano na mão” (Dias, 357). Ou neste excerto, de *Conselho para Bem Casar*, em que o poeta se vale explicitamente de um provérbio de larga circulação (e que assume, entre outros, este enunciado: “Antes que cases, vê o que fazes”): “Por isso antes que cases / bom amigo e irmão, / diz o antigo rifão, / que olhes bem o que fazes” (Dias, 373).

A passagens como as transcritas no parágrafo anterior, em que o poeta se nos apresenta autenticamente como “poeta popular”, imerso numa linguagem simples e direta (a que não falta um vocabulário menos corrente, como “mundano”), opõem-se

¹ O artigo de Baranda (1989) é uma referência clássica sobre o assunto.

outras próprias de um homem letrado, conhecedor de obras e de nomes de autores clássicos, o que nos sugere que o primeiro público de Baltasar Dias talvez tenha sido um público mais letrado. Isto sucedia com muitos textos de folhetos de cordel, que passavam de um público circunscrito a um público mais alargado, como se verificou com o já aqui citado Juan de Encina e Gil Vicente. Na obra de Baltasar Dias, encontramos versos como os seguintes: “Em as leis podereis ler, / assim dizem os antigos, / se nelas o quereis ver / que tem trabalhos e perigos / quem tem filhos e mulher. / Marco Aurélio afamado/ falando dos casamentos / dizia em Roma ao Senado: / seis anos que fui casado / me pareceram seiscentos” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 355). Muito mais à frente, a partir do verso 363, surge o nome de Terêncio, convocado para servir de argumento de autoridade da inconstância feminina: “Se em Terêncio ler quiserem, / acharão estes extremos / aqueles que bem o lerem: / quando queremos, não querem, / querem, quando não queremos” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 363). Seguem-se alusões, com um grau de pormenor que chega à referência a obras e a autores célebres: “Diz Cícero mui capaz, / no livro da Amicícia: / Firmeza em nenhuma jaz / mas, antes, todas são más / chéas de toda a malícia. / Diógenes as apregoa, / Ovídio, outro que tal, / dizem todos em geral, / não há nenhuma tão boa / em que não haja algum mal” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 364). A quintilha que remata esta sequência de menções eruditas reporta-se a uma das obras misóginas de vasta circulação no Ocidente, traduzida em várias línguas: a *Historia Septem Sapientum Romae*. A par de Marco Aurélio, Cícero, Diógenes e Ovídio, aparecem, portanto, os sete Sábios de Roma, o que tanto pode advir “de leitura indirecta (que outros lhe fizessem) quanto do conhecimento de um património comum, de circulação oral, de referências a autoridades antigas e medievais” (Fernandes, 167). Diz-nos ainda Maria de Lurdes Correia Fernandes (167): “E mesmo a alusão a Marco Aurélio, que remete para a célebre obra de Fr. António de Guevara, era já nos anos 40 do séculos XVI de ampla difusão, sobretudo a partir das edições do *Relox de Príncipes* (1529)”.

Poeta (*in*)culto? O poeta (os homens) e as mulheres

Baltasar Dias era, repito, um “homem pobre” (*Carta*), mas não um *inculto* (note-se que a alusão à pobreza terá também algo de recurso retórico). O rigor com que maneja a língua portuguesa e o castelhano, o recurso ao latim e as citações de autores como Terêncio, Cícero ou Ovídio dizem-nos que este autor se movia com um certo à-vontade no campo da literatura e da cultura eruditas. Segundo Carlos Nogueira, “esta pertença bicultural terá sido reforçada pela circunstância de ter talvez recorrido ao auxílio de um copista (um profissional), a quem ditaria as suas obras, para ultrapassar as suas limitações visuais” (Nogueira, 132). Significa isto que tais textos, escritos para serem vendidos em folhetos de cordel, não eram recebidos com entusiasmo apenas pelas classes populares; captavam um público com mais ou menos poder económico e com interesses culturais distintos entre si. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que as composições deste autor são escritas para serem interpretadas (ou, literalmente, no caso das peças teatrais, representadas), ditas e ouvidas por um público iletrado mas também alfabetizado.

Estas observações relativas a Baltasar Dias não só nos mostram que a origem e a condição humilde de um poeta não equivale necessariamente a falta de cultura livresca (que não é critério obrigatório, note-se, para a qualidade de um poeta “popular”) como também provam que as “práticas e experiências da cultura erudita e as da cultura popular” (Paolinelli, 300) se cruzam e se influenciam, “numa troca contínua de retomas

e inovações” (Paolinelli, 300). O poeta da ilha da Madeira participa nesta longa e intrincada tradição de textos sobre a malícia das mulheres com um olhar original. Ambos os textos tratam os mesmos temas (a malícia das mulheres e o casamento), mas há diferenças de perspetiva que os tornam tão autónomos quanto, por paradoxal que pareça, aparentados. Dito de outro modo, sensivelmente na linha do que defende Maria de Lurdes Correia Fernandes, que no seu estudo privilegia o *Conselho para Bem Casar*, por o considerar mais moderno:

Os dois folhetos têm sido sempre apresentados e interpretados como textos autónomos – assim o exigiam, aliás, as contingências tipográficas de folheto –, mas parecem, contudo, funcionar dualmente. Mas não será casual que, no ano de 1647, tenham sido ambos impressos por António Álvares e que, em 1659, tenham igualmente saído dos prelos de Domingos Carneiro estes dois folhetos de Baltasar Dias. E mesmo que não saibamos hoje se houve, da parte do autor, intencionalidade de complementaridade dos textos, eles têm-na na prática, embora tal facto não impeça a sua autonomia, sob vários pontos de vista. Claro que, se conhecêssemos as primeiras edições destes folhetos, talvez pudéssemos encontrar-lhes significados culturais mais vastos (Fernandes, 166-167).

Segundo esta estudiosa, a modernidade de *Conselho para Bem Casar* reside em que a finalidade, a maior seriedade e as alegações apresentadas neste texto indicam que Baltasar Dias estava a par e foi capaz de assimilar, “–seja por efeito de gosto de época, seja por leituras que pôde fazer (melhor, que pôde ouvir, possivelmente por diversas vias)–” (Fernandes, 168), vertentes do problema que eram também «objecto do debate humanista (e também moralista) em torno da defesa do casamento, debate que tentou abandonar a tradição medieval das (ironicamente) chamadas ‘alegrias do casamento’ e preferiu privilegiar o método do conselho para bem casar e os critérios para o bom casamento» (Fernandes, 168). De facto, o *Conselho* de Baltasar Dias, em forma de carta em verso, equaciona todos os pontos fulcrais do tema que eram discutidos em diversos tipos de textos, muito em especial nos doutrinários. Mais: “As primeiras décadas do século XVI foram férteis, como se sabe, na produção de textos relativos ao tema matrimonial, quase se podendo dizer que foi um dos temas humanistas por excelência, já que dele se ocuparam, em diversos e conhecidos textos, Erasmo, Luís Vives e outros importantes vultos da cultura humanista europeia” (Fernandes, 168).

Efetivamente, no âmbito literário, os elementos misóginos que integravam um longo conjunto de obras de finais da Idade Média tornaram-se menos salientes. Enveredou-se, em larga medida, pelo elogio do casamento e pelo enaltecimento da mulher virtuosa. Daí mais os conselhos destinados à escolha de uma boa mulher e menos a relação dos seus defeitos e vícios, ao contrário do que acontecia na generalidade dos textos de finais da Idade Média. Baltasar Dias, em *A Malícia das Mulheres*, não sabemos se mais por convicção ou mais por estratégia comercial, está muito mais próximo da tendência medieval para a detração da mulher, enquanto que no *Conselho para Bem Casar* se apresenta como mais moderno. Talvez na explicação entrem os dois aspectos que acabei de referir, porventura acrescido, no caso das críticas à mulher, permita-se-me a hipótese especulativa, pela sua condição de homem solteiro. Seja como for, certo é que esta composição haveria de continuar, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a ser editada em folheto avulso, “o que prova a sua recetividade junto de alguns tipos de público” (Fernandes, 168); junto, poder-se-á acrescentar com segurança, de um público culturalmente variado, desde homens e mulheres não alfabetizados, que

fruíam estes folhetos pela leitura/interpretação de quem sabia ler, até pessoas alfabetizadas e mesmo letradas e consumidoras de cultura erudita.

Mestre da sátira e do tom sentencioso

A linguagem destas trovas, já o sugeriu acima, não as circunscreve ao território do popular sem arte. Baltasar Dias é um artista que sabe compor à maneira clássica dos seus contemporâneos mais ilustres, como Sá de Miranda, António Ferreira ou Pêro de Andrade Caminha, e que, nos seus melhores momentos, está ao nível de Nicolau Tolentino (1740?-1811), porventura o melhor cultor da quintilha de toda a história da literatura portuguesa. A tensão entre estilos poéticos distintos, entre um sentido do refinamento da arte literária que se conjuga com uma crueza naturalista, dá às trovas de Baltasar Dias uma originalidade e uma pessoalidade acentuadas. Desta última tendência, a que poderíamos chamar poética do obsceno, veja-se: “Disse-lhe: Olhai cá, mulher, / o gato da nossa Marta, / que o demo foi cá trazer, / cagou toda esta quarta/ que tínheis para beber” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 359). Uma tal linguagem coprológica, apresentada num incidente ridículo, seria com certeza suscetível de escandalizar e de provocar o cómico. Uma passagem como esta está próxima “de uma velha literatura culta e carnavalesca hoje mais divulgada, mas durante séculos marginal ou clandestina: a de cómicos romanos, trovadores satíricos (de escárnio e maldizer), Rabelais, Bocage, etc.” (Saraiva, 105).

Seduz, na capacidade criativa de Baltasar Dias, a forma como ele se move expeditamente entre a ironia, a graça e o sarcasmo, num continuado e tenso equilíbrio entre o comedimento lexical e a superlativação caricatural. Baltasar Dias é mestre na desfiguração burlesca e satírica, na zoomorfização do feminino, na diminuição intelectual, comportamental e sexual: “Bufos nas janelas ufanas / pegas palreiras à porta, / são umas cabras na horta/ e enfadamento na cama” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 364). Mestre da sátira, essa arte literária de diminuição ou enfraquecimento de um objecto por meio de um ataque. No exemplo citado, o referente é submetido a atitudes que vão do desprezo, ao desdém e ao ridículo. Mestre também no humor mais fino, no relato, como *exemplum*, da situação menos previsível: “Um homem em Roma havia / que se algum filho casava, / publicamente o chorava, / porque escravo o fazia / da mulher a quem o dava. / Se casava a filha rica, / quando alguém lhe perguntava, / alegremente dizia: / Que um escravo comprava / que seu cativo seria” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 365-366).

Mestre na deteção e no comentário das múltiplas variáveis que entram na opção matrimonial, muitas das quais nada têm a ver com amor, Baltasar Dias seria, com toda a certeza, uma celebridade, tal é a sua capacidade de equilibrar o riso mais incontido com o convite à reflexão, porque, queiramos ou não, o casamento é coisa séria (mesmo que não o consideremos necessariamente santo...): “A vosoutras que tomais / o mui santo matrimónio, / que os maridos desonrais/ não sei porque vos casais/ pois que servis ao demónio. / Muito mais são lhe seria / a estas casadas tais / estar na casa de seus pais / que ofender cada dia / com pecados infernais” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 379). Estas trovas faziam certamente a “delícia dos ouvintes” (Gomes, 59) e, consoante a idade, o sexo e a posição familiar (pai, mãe, marido, filha, etc.), seriam interpretadas de maneira diferente. Uma estrofe que suscitaria o riso a uns, desencadearia reflexão a outros.

Os excertos citados são suficientes para percebermos como, em Baltasar Dias, ocorrem as duas espécies matriciais que acompanham toda a história da sátira: a

horaciana, cuja máxima *ridentem dicere verum qui vetat?* nos lembra que o riso ou sorriso dão a ver as debilidades humanas e curam os leitores das suas fraquezas (Chaplin dizia que “um dia sem sorriso é um dia desperdiçado”); e a associada a Juvenal, que, perante a corrupção e os vícios dos homens, tem como finalidade ferir e destruir.

Não falta igualmente a densidade da expressão, cheia de destrezas concetuais e de pensamento substancial: “Deve, Senhor, de saber / que neste mundo coitado, / todo o que não é casado / não se escusa de viver / em muito grande pecado. / Todo o que viva solteiro, / sem ter mulher recebida, / além de levar má vida, / nunca tem muito dinheiro, / antes tem pena crescida” (*Conselho para Bem Casar*, Dias, 372). Esta comunicabilidade só é possível porque o poeta concilia um apurado artifício compositivo e verbal, métrico e rítmico, com uma voz de autoridade que se concretiza em índices de oralidade, como perguntas diretas e indiretas, exclamações e provincianismos, profusão de exemplos, alguns deles bíblicos (exemplos a que, graças aos sermões, os leitores e ouvintes estavam habituados), provérbios, episódios “reais”, metáforas e comparações colhidas no quotidiano: “A outra tinha o marido/ feito à sua vontade, / dele, como está sabido, / porque era tão entendido / como um asno de alvalade” (*A Malícia das Mulheres*, Dias, 361). E, não menos importante, Baltasar Dias conhecia bem a importância retórica das estratégias dramatizadoras. A natureza dialógica e dialéctica de muitos momentos, como os diálogos entre as “Duas comadres daninhas” (Dias, 357) de *A Malícia das Mulheres*, revela bem a dimensão *dramática* destes textos, que se apresentam como formas de sabedoria tributárias de um ideal de virtudes e de verdade a que homens e mulheres devem prestar atenção, se quiserem viver em harmonia com os outros e consigo próprios.

A relação entre o culto e o popular, na época de Baltasar Dias e nas suas trovas, estabelece-se também no plano propriamente arquitetural. Não poucos géneros poéticos eram cultivados tanto por autores eruditos e como pelos mais e menos “populares”. É o caso da carta poética, género muito ao gosto do Renascimento, quer por poetas de corte e humanistas como os que referi, quer pelos “poetas do povo” que publicavam folhetos de cordel. Precisamente: as obras *Conselho para Bem Casar* e *A Malícia das mulhere de Baltasar Dias* têm a forma de carta a um “amigo”. As duas adotam a forma estrófica tradicionalmente empregada nestas composições, como se disse acima: a quintilha.

Casar ou não casar?

A Malícia das Mulheres começa com um exórdio que reenvia para um conselho anterior (oral ou escrito) de um “amigo”: “Senhor, o vosso conselho / tão conforme ao meu desejo / sempre por ele me rejo, / porque ele é um espelho / em que contino me vejo. / Desejo de me casar / para tomar meu estado; / mas temo de ser casado / porque os vejo queixar / e viver em grão cuidado” (Dias, 355). No final, depois de muito argumentar e de apresentar um episódio de enganos de duas mulheres maliciosas, o poeta conclui, em jeito de máxima: “O homem que agora casa / sempre cativo há de ser / da que lhe dão por mulher, / e ela há de ter em casa / quem lhe ganhe de comer” (Dias, 366). Por isso, dirigindo-se diretamente ao destinatário da carta, a conclusão é inequívoca, acomodada de novo por um tom sentencioso em que Baltasar Dias, como qualquer bom moralista, é mestre: “E pois que a liberdade / é preço que não tem par, / Senhor, esta é a verdade, / que não me quero casar, / porque não tenho vontade. / Vosso conselho mui são / não cura minha ferida, / perdoai-me, meu irmão, / pois sabeis que sujeição / encurta os dias da vida” (Dias, 366).

O Conselho para Bem Casar é também uma carta de resposta a um amigo do poeta. O tema é o casamento, como fica evidente desde o título, mas, como notei acima, não se trata de o negar. Adotando-se a perspetiva humanista e rejeitando-se a visão radicalmente negativa das mulheres própria da Idade Média, o matrimónio é apresentado como a melhor opção para o homem e para o amigo (também poeta), desde que este saiba escolher uma boa esposa, uma “mulher conhecida / virtuosa e singular” (Dias, 392), não uma “mulher fantesiosa” (Dias, 391).

Todos estes fatores (em resumo: a qualidade e a diversidade da expressão, a composição, o alvará real, o sucesso dos folhetos) nos indicam um poeta muito respeitado e com uma receção que terá sido notável no seu tempo e nos séculos seguintes. Isto sem prejuízo dos “diversos problemas que não podem ser ultrapassados, por enquanto, e que se prendem com o quase desconhecimento do ritmo de produção e da edição/circulação dos seus textos no século XVI, quer por via oral, quer escrita (através do manuscrito ou do impresso)” (Fernandes, 162). Lembremos: da *História do Príncipe Cláudiano* conhece-se um exemplar da edição de 1542 (Biblioteca Nacional de Madrid, R/3611). Dos outros textos que conhecemos deste autor as edições são do século XVII e XVIII. É o caso de *Conselho para Bem Casar* e *Malícia das Mulheres*, cujas “versões mais antigas hoje conhecidas e disponíveis publicamente datam de 1659, apesar de haver referências a edições anteriores (algumas delas em catálogos de bibliotecas privadas)” (Fernandes, 163). De resto, a versão que hoje se conhece de cada uma destas trovas não equivale à primeira versão. Na descrição do título das edições de 1647 e de 1659, lê-se, no início, “Obra novamente feita”, e, mais à frente, “Agora novamente emendada, & acrescentada por Baltasar Dias”. Sobre a constância e frequência editorial destas obras, Maria de Lurdes Correia Fernandes cita palavras de João Franco Barreto, dos anos 40-50 do século XVII (in *Bibliotheca Lusitana*, cópia do manuscrito existente na biblioteca da Casa de Cadaval, Biblioteca Nacional de Lisboa, vol. II, fol. 269). Segundo o testemunho deste autor, Baltasar Dias tinha produzido “muitas obras em verso, que andam impressas” (*apud* Fernandes, 163) e “várias vezes”, e, muito relevante, que “se imprimem cada dia” (*apud* Fernandes, 163). Não esqueçamos que a *Carta de Privilégio para a Impressão de Livros* (entregue a Baltasar Dias em 1537, recorde-se) é também “um sintoma da atenção que o rei e as autoridades davam a quem tinha o poder de influenciar a opinião pública e as mentalidades” (Nogueira, 129), e um indicador, inclusive, de que Baltasar Dias frequentaria, como afirmei acima, os círculos não tão populares.

O mundo de Baltasar Dias e o nosso mundo

Luísa M. Antunes Paolinelli adverte-nos para a longevidade da tradição d’*A Malícia das Mulheres* de Baltasar Dias, que circularia ainda nos inícios do século XX, e para a descendência desta composição, imitada por “autores populares, como o madeirense Feiticeiro da Calheta” (Paolinelli, 306). Sem desconsiderar o muito que a sociedade e as mentalidades mudaram, não é exagero afirmar que, em muitas partes do mundo e mesmo nas sociedades ditas mais evoluídas e menos patriarcais, *A Malícia das Mulheres* e *Conselho para Bem Casar* são praticamente tão atuais hoje como eram no século XVI. São obras essenciais para o conhecimento do muito que se alterou e do muito que prevalece nas consciências, nos usos e costumes, nos hábitos diários, nos campos público e, sobretudo, privado.

No século XVI, os conselhos para casar abundavam em todas as literaturas peninsulares. Aos folhetos de Andreu Pineda (notário de profissão e não relacionado de

forma alguma com uma condição humilde, que figuram no repertório de folhetos em catalão²), juntam-se outros em espanhol, como RM 252: “Obra Nueva de muy excelentes avisos y consejos para un mancebo que se quería casar, avisándole como se ha de regir antes y después de casado. Son consejos muy heroicos, y en ellos hallaran infinitos refranes. Compuesta por Melchior Horta: Impresa con licencia, en Barcelona, en casa Sebastian de Cormellas al Call, Año. 1597”.³

De Baltasar Dias, que escreveu «assim em prosa como em metro» (*Carta...*), não chegaram até nós mais do que oito obras em verso. Nos *Conselhos para Bem Casar* e na *Malícia das Mulheres* (esta reeditada e muito glosada ainda no século XX⁴), sátiras em quintilhas heptassilábicas, metro tradicional que o autor empregou em detrimento das estruturas clássicas, Baltasar Dias critica a sociedade do seu tempo, sobretudo o que ele entendiam serem os vícios e a falsidade do sexo feminino. Estes textos, plenos de graça, fluidez e ritmicamente envolventes, mostram-nos como se tem manifestado na sociedade portuguesa o poder ancestral do homem sobre a mulher. Lê-los e, mais do que isso, representá-los, inclusive o mais imoderado dos dois (*A Malícia das Mulheres*), significaria (re)conhecer e expurgar males, defeitos e erros antigos; seria rir com o humor e a ironia de um poeta “pobre” que é nosso contemporâneo, na verdade. Poder-se-á interpretar o que ele nos diz de modos muito diversos, a rir ou com indignação, com incredulidade ou espanto, mas o que não se lhe pode negar é uma inspiração difícil de igualar, uma capacidade rara de captar a atenção do público, verso a verso. O mundo às avessas de Baltasar Dias, povoado de mulheres sexualmente ativas, donas do seu corpo, dentro e fora do casamento, vaidosas, seguras de si, livres de construir o seu presente e o seu futuro, é o nosso mundo (dito civilizado). O que era anarquia de género e presságio de um caos, no tempo de Baltasar Dias, é hoje razão de mais harmonia entre os sexos, de mais igualdade e, diga-se, de uma vida bem mais interessante. Que cada um julgue por si: “Convém à mulher dagora / temperar-se no falar: / e não há muito de andar, / porque ir muitas vezes fora / faz a muitos mal cuidar” (*Conselho para Bem Casar*, Dias, 378).

Para concluir, insisto na necessidade de se continuar a aprofundar o estudo de Baltasar Dias e destes folhetos das diferentes línguas ibéricas sobre temas da literatura popular impressa do século XVI e com continuidade durante séculos; temas que permanecem tão atuais hoje como há quinhentos anos, com a diferença de que não eram, nessa altura, nem de longe, tão intensamente debatidos como o são nos nossos dias.

² Puerto Moro, n.ºs 97 y 98: *A un son gran amich novament casat* (duas edições); *Consells e bons avisos dirigits a una noble senyora valenciana novament casada* (duas edições).

³ RM 252 refere-se ao n.º 252 do catálogo de Rodríguez-Moñino (1970) e às suas revisões por Askins e Infantes (1997), e Askins, Infantes e Puerto Moro (2014). Este folheto é descrito e analisado, nas suas dimensões editorial, textual, iconográfica e histórico-literária, no *Catálogo Analítico de Pliegos Poéticos Ibéricos de los ss. XV y XVI* (CAPPIXVI) (acessível online nos próximos meses).

⁴ Veja-se o que nos diz Luísa M. Antunes Paolinelli: “Se no final do século se encontram obras como *Verdadeira Malícia e Maldade das Mulheres e a Malícia dos Homens: Verdadeiro Retrato da Mulher Maliciosa* (Porto, 1885), o início do século XX vê a fama dos folhetos *A Malícia e a Maldade das Mulheres Solteiras, Casadas, Divorciadas e Viúvas; A Malícia das Mulheres Velhas e Novas, Aumentada com a Santidade de Todos os Homens*, de J. Pascoaes, que o Feiticeiro da Calheta, famoso autor do Bailinho da Madeira, copiará em grande parte, e *A Mais Completa e Verdadeira Malícia e Maldade das Mulheres, aumentada com a Bondade dos Homens*, de José de Almeida Cardoso, que em 1912 ia já na 15.ª edição” (308-309).

Obras citadas

- Askins, Arthur F.-L., y Víctor Infantes. *Suplemento al Nuevo Diccionario bibliográfico de pliegos sueltos poéticos (s. XVI)*. Edición de Laura Puerto Moro. Vigo: Editorial Academia del Hispanismo, 2014.
- Baranda, Nieves. "Andanzas y fortuna de una estrofa inexistente: las quintillas dobles o coplas de ciego." *Castilla* 11 (1986): 9-36.
- CAPPIXVI = *Catálogo Analítico de Pliegos Poéticos Ibéricos de los ss. XV y XVI* (CAPPIXVI) <pliegospoeticosxvi.ucm.es> (acessível online nos próximos meses).
- Deslandes, Venâncio. *Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1888.
- Dias, Baltasar. *Baltasar Dias, Autos, romances e trovas*. Introdução, fixação de texto, notas e glossário de Alberto Figueira Gomes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- Encina, Juan del. *Cancionero de Juan del Encina. Primera edición. 1496*. Publicado en facsímile por la Real Academia Española. Madrid: RAE, 1989 [1^a ed. 1928]. Disponível em: <<https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cancionero-de-juan-del-encina-primera-edicion-1496--0/html/ffadf59c-82b1-11df-acc7-002185ce6064.html>>. Acesso em 22/11/2025.
- Fernandes, Maria de Lurdes Correia. "Cartas de sátira e aviso: em torno dos folhetos Malícia das mulheres e Conselho para bem casar de Baltasar Dias." *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 1 (2004): 161-181.
- Gomes, Alberto Figueira. *Poesia e dramaturgia populares no século XVI – Baltasar Dias*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- Nogueira, Carlos. "Baltasar Dias, 'cego da ilha da Madeira' – Notas sobre os autos de devoção (*Auto do Nascimento*, *Auto de Santo Aleixo* e *Auto de Santa Catarina*)."*Boletín de Literatura Oral*, vol. extr. 4 (*Literatura popular impresa en la Península Ibérica durante los Siglos de Oro: transmisión, textos, prácticas y representaciones*, coord. Laura Puerto Moro) (2021): 127-139.
- Paolinelli, Luísa M. Antunes. "As malícias das mulheres entre a cultura erudita e os folhetos. Uma tradição dos dois lados do Atlântico." Em Ana Maria Paiva Morão et al. (eds.). *Literatura de Cordel: Olhares Interdisciplinares*. Lisboa: Caleidoscópio, 2023. 299-311.
- Puerto Moro, Laura. "Repertorio temático-cronológico de pliegos poéticos en catalán de los ss. XV y XVI." *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos* 14 (2025): 259-337. <https://doi.org/10.14198/rcim.27745>.
- Rodríguez-Moñino, Antonio. *Diccionario bibliográfico de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*. Madrid: Castalia, 1997.
- Rodríguez-Moñino, Antonio, Arthur L.F. Askins y Víctor Infantes. *Nuevo Diccionario bibliográfico de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*. Madrid: Castalia/Editora Regional de Extremadura, 1997.
- Saraiva, Arnaldo. "Os graffiti – A propósito de *O Guardador de Retretes*." Em *Literatura Marginal/izada. Novos Ensaios*. Porto: Edições Árvore, 1980. 103-107.